



**ARTE SURDA NA ESCOLA INCLUSIVA: DISCUSSÕES SOBRE A
SURDEZ MEDIADAS POR TELAS DE ARTISTAS SURDOS**

**DEAF ART IN AN INCLUSIVE SCHOOL:
DISCUSSIONS ON DEAFNESS MEDIATED BY PAINTING OF DEAF
ARTISTS**

eLocation-id: e0021

DOI <http://dx.doi.org/10.5965/19843178172021e0021>

Adriana Moreira de Souza Corrêa

Universidade Federal de Campina Grande
adriana.korrea@gmail.com - [ORCID](#)

Rafaella Pereira Chagas

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
rafinhapereira1@gmail.com - [ORCID](#)

Aparecida Carneiro Pires

Universidade Federal de Campina Grande
cida.ufu@gmail.com - [ORCID](#)

RESUMO

O artigo discute a inserção da cultura surda na escola inclusiva, na *Educação infantil* e no *Ensino de arte*. Debruçamo-nos nas obras da artista plástica surda Nancy Rourke e selecionamos oito dentre as diferentes obras produzidas por ela entre 2010 e 2012, versando sobre identidade, alteridade e diferença. A pesquisa foi de natureza exploratória, com abordagem qualitativa e de caráter bibliográfico. Os estudos permitiram-nos compreender a aula de arte como um espaço privilegiado que produz ricas oportunidades de trabalho com as diferentes características do ser humano. Por isso, é relevante que o educador conheça as obras da artista e desenvolva, em sua sala de aula, atividades pedagógicas adequadas a cada turma, de modo a permitir que seus alunos, através da arte, conheçam e discutam a diversidade humana retratada nas pinturas. Em face do exposto acima, concluímos que trabalhar com o ensino de arte na *Educação infantil* nos possibilita iniciar o processo de apreciação estética e a formação de uma sociedade mais aberta e preparada para a vivência na perspectiva da diversidade humana.

Palavras-chave: Artes visuais. Arte surda. Educação Infantil. Ensino de arte.



ABSTRACT

This article discusses the insertion of deaf culture in an inclusive school system, in both early childhood education and art teaching. We have looked at the work of deaf artist Nancy Rourke and selected eight of the different works of hers produced from 2010 to 2012, which have dealt with identity, otherness and difference. The present research is exploratory in nature, with a quantitative approach, besides to have a bibliographic character. The respective studies have allowed us to understand art class as a privileged space that has produced rich opportunities of job with different characteristics of the human being. Therefore, it is relevant that teacher knows the works of the artist and creates in his or her classroom pedagogical and fair activities to each group, in order to allow their students, by means of art, know and discuss the human diversity portrayed on the painting. According to the view of above, we concluded that working with art teaching in early childhood education enables us to start the process of aesthetic appreciation and the formation of a more open society, and prepared for an experience from the perspective of human diversity.

Keywords: Visual arts. Deaf art. Early childhood education. Art teaching.

1 INTRODUÇÃO

A arte é uma forma que o ser humano desenvolveu para representar e compreender o mundo. Trata-se de uma linguagem na qual a subjetividade do artista é posta em primeiro plano. Assim, a partir do contato com as diferentes manifestações artísticas visuais (pintura, desenho, arquitetura, artesanato, cinema, dança etc.) identificamos nossas preferências e produzimos nossas próprias coleções¹ (ROJO, 2012). Essas coleções, para a autora, são fruto das escolhas pessoais de estilo e formas, seja na condição de produtores ou apreciadores de arte. Além disso, a arte permite o diálogo da obra com o nosso conhecimento de mundo que é ativado para significar as sequências de imagens, de movimentos entre outros elementos característicos de cada manifestação com as quais interagimos.

Por ser um artefato cultural humano, a apreciação dessa arte e o estímulo para a expressão por meio dela deve ser incentivado na escola. Com isso, não

¹ Obras que fazem parte do repertório cultural de cada pessoa e que a sua seleção depende dos critérios individuais que direcionam a apreciação estética, ou seja, as preferências.



queremos dizer que a apreciação artística ocorre apenas em atividades da educação formal, tendo em vista que, em diversos momentos, nos deparamos com as suas manifestações, seja em uma pintura em tela, no artesanato, na fotografia, no *design*, na dança, dentre outros.

Dessa maneira, trabalhar a arte na escola inclusiva, que se organiza para atender a diversidade humana (MANTOAN, 2015), implica em dialogar com práticas do cotidiano, bem como introduzir outras representações artísticas que possam ampliar o repertório cultural e o conhecimento do educando sobre a arte. Mais do que a democratização do conhecimento sobre arte, a escola inclusiva precisa se utilizar das representações de mundo expressas nas Artes Visuais, para discutir as diferentes formas de ser e viver em cada sociedade que são apresentadas por diversos artistas.

Nas classes de inclusão com surdos, alunos que se expressam por meio de um sistema de comunicação visual-gestual, a Língua Brasileira de Sinais - Libras, o trabalho com as Artes Visuais se aproxima da forma do educando de conceber e agir no mundo. Associado a isso, dispomos das produções de artistas surdos que compreendem o que Strobel (2008) denomina de artefatos da cultura surda que se refletem nas produções humanas que fornecem informações sobre o artista e os apreciadores, sendo estas leituras reveladoras de tempos e espaços vivenciados durante a leitura da obra ou da sua produção.

Em face do exposto, surge a seguinte indagação: como trabalhar a arte surda na Educação Infantil? Para tanto, nos debruçamos sobre a obra da artista plástica surda Nancy Rourke e seus possíveis desdobramentos em classes inclusivas de educação infantil, bem como outras experiências narradas na literatura a fim de discutir questões como identidade, alteridade e diferença. A seleção da artista é pautada na observação de que as suas obras revelam particularidades da interação



do surdo com o mundo, possibilitando com isso a discussão de diferentes percepções sobre ser surdo em uma sociedade composta por maioria ouvinte.

Ressaltamos que a investigação é relevante no sentido de discutir os espaços de inserção da cultura surda na escola inclusiva, para que a diversidade cultural das crianças pequenas seja contemplada e a instituição educacional possa trabalhar, de maneira lúdica, a compreensão da diversidade cultural presente na classe.

De acordo com a classificação apresentada por Prodanov e Freitas (2013), identificamos que a investigação é de natureza exploratória, tem caráter bibliográfico e os dados foram analisados em uma abordagem qualitativa. Esta abordagem é adequada quando se trata de analisar dados que envolvem interpretações e subjetividades. Considerando a vasta obra da artista, selecionamos oito obras produzidas no período de 2010 e 2012 para abordar nesse texto, mas destacamos que existem outras pinturas que podem ser analisadas e utilizadas para o trabalho nessa perspectiva.

As discussões iniciam pela importância da arte como instrumento de formação humana, especificamente na Educação Infantil – EI; em seguida, apresentamos a arte da pintora Nancy Rourke e experiências com arte surda na escola.

2 ARTE E FORMAÇÃO HUMANA

A arte é uma poderosa expressão do fazer humano. Através dela, podemos expressar nossos sonhos, desejos, medos, alegrias, configurando-se em uma manifestação viva e intensa da liberdade.

Feist (1996, p. 9) destaca que a arte nos leva a conhecer a história da humanidade através de pinturas, músicas, arquitetura, literatura, teatro e quase todos os registros da humanidade passam por ela. Nesse sentido, define-a como



“um produto da criatividade humana que, utilizando conhecimentos e técnicas e um estilo ou jeito todo pessoal, transmite uma experiência de vida ou uma visão de mundo despertando emoção em quem a usufrui”. No mesmo sentido, Ferreira (2010, p. 13) corrobora que:

[...] Ao se observar uma obra de arte desenvolve-se o olhar, a fruição, a sensibilidade e a capacidade analítica; possibilita-se a organização de ideias e opiniões próprias, o reconhecimento das qualidades estéticas, enriquecendo-se, assim, sua própria criação.

Isso nos leva a refletir que a arte é, portanto, importante para a formação do ser humano, tendo em vista que as contribuições oriundas do contato com essa linguagem levam à reflexão sobre a obra a partir das suas experiências anteriores. Isso porque, por se pautar em uma linguagem não verbal a significação de uma produção artística passa pelas experiências do produtor e do apreciador, permitindo que, uma mesma mensagem pintada em uma tela seja lida/compreendida de maneiras variadas por diferentes interlocutores, ou mesmo por um único leitor, em diferentes momentos da sua vida (SANTOS-NETO; JESUS, GOMES, 2017).

Além das contribuições no âmbito individual, a arte, enquanto expressão de uma artista que vive em determinado tempo histórico e sociedade, pode favorecer o entendimento da situação retratada e a reflexão sobre formas de manutenção ou superação dessa realidade. Barbosa (2010, p. 100) diz que:

[...] é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

A arte é desta forma um instrumento essencial para o desenvolvimento humano, porque facilita o equilíbrio entre o mundo externo e o mundo interno de



cada um. Por meio dela, compreendemos a realidade, desenvolvemos estratégias que nos permitem suportá-la ou transformá-la em mais humana através do desenvolvimento do nosso potencial criativo (FEIST,1996). Nesse sentido, torna-se relevante apresentar às crianças, em diferentes atividades, sobretudo na escola, obras que valorizem formas diferenciadas de ser, viver e agir no mundo, tais como as representações visuais vivenciadas pelos surdos, uma vez que a sociedade é composta, predominantemente, por ouvintes.

Diante do exposto, podemos evidenciar que a arte pode ser inserida no processo educativo desde a educação infantil, uma vez que contribui para o desenvolvimento pessoal, bem como na coletividade e vivências da criança. É o que o tópico a seguir busca apresentar.

2.1 ENSINO DE ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação é um direito fundamental das crianças garantido em diferentes legislações, dentre as quais citamos a Constituição Federal do Brasil (1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (publicada em 1996). Em ambos os documentos, o Estado e a família são apontados como corresponsáveis pela concretização desse direito.

Ao Estado cabe garantir uma escola pública e de qualidade desde a infância e, para efetivação desse direito, temos no Brasil a EI, como uma etapa da organização do sistema escolar que disponibiliza um atendimento destinado às crianças com idade entre 0 e 5 anos. Nessa etapa da educação, segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, as crianças devem ser estimuladas, a partir de atividades lúdicas, brincadeiras e jogos com a finalidade de exercitar a imaginação, as potencialidades emocionais, motoras, cognitivas e a socialização (BRASIL, 2017), o que pode ser desenvolvido por meio da arte.



Gabre (2016) reitera que, a partir do momento em que a educação infantil é considerada, nos documentos oficiais que norteiam o ensino no Brasil, especialmente, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (BRASIL 1998), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 1999/2009) e a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2016), se instaura no âmbito educativo a responsabilidade de garantir o direito às crianças uma educação capaz de promover o desenvolvimento de suas diferentes linguagens e potencialidades.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998), a criança é entendida como um ser cultural que aprende através de várias experiências que envolvem música, artes visuais, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática. Os referenciais apresentam todos esses conteúdos por compreender a criança como produtora de cultura e não apenas produto dessa manifestação da linguagem. Para o RCNEI, o trabalho desde a infância com todos esses campos promoverá na criança o processo de indagação, criação e prazer pela arte. Desse modo, acreditamos que a inserção de temáticas como a Arte Surda pode contribuir para discussões que permitam o desenvolvimento de compreensões do mundo e atitudes que favoreçam o acolhimento social da pessoa surda.

De acordo com Gabre (2016) no período histórico em que o RCNEI foi construído, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil foram instituídas pelo Conselho Nacional de Educação, articuladas às Diretrizes Curriculares da Educação Básica, apresentando o objetivo de orientar as políticas na área e a elaboração, planejamento, execução e avaliação de propostas pedagógicas e curriculares. Nesta perspectiva, para a autora, o referido documento enfatiza o direito das crianças de vivenciarem diferentes experiências no contexto educativo, em especial, as que propiciam o relacionamento e a interação das crianças com



diversificadas manifestações da música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura.

Sobre o Ensino de arte, a atual LDB, no parágrafo segundo do Art. 26, deixa claro que esse componente curricular deve ser obrigatório na educação básica (BRASIL, 1996)², importância retomada no RCNEI (BRASIL, 1998), ao apresentar as Artes Visuais como elemento que expressa, comunica e atribui sentido às sensações, sentimentos, pensamentos e realidade através das manifestações artísticas.

Segundo Gabre (2016) além desses aspectos um avanço no que confere a disposição curricular presente na BNCC e difere dos documentos anteriores (RCNEI e DCNEI) é que esse passa ser organizado não mais por áreas de conhecimentos e sim por campos de experiências. Assim, a BNCC apresenta cinco campos de experiências: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e imagens; Escuta, fala, linguagem e pensamento; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações, ou seja, na proposição da BNCC, a arte passa a ser considerada e articulada aos campos de experiências ao se tratar das artes visuais.

Nesta perspectiva, refletir acerca da arte na educação infantil nessa configuração curricular nos permite ampliar o paradigma de uma educação pautada em práticas tradicionais e nos permite vivenciar a experiência de uma educação baseada na arte contemporânea, contribuindo para que a experiência das crianças seja mais lúdica, prazerosa e significativa, assim como seus direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se em situações e práticas que envolvam a arte, sejam garantidos conforme orienta a BNCC.

No processo de aprendizagem da arte, as crianças traçam um percurso de criação e construção individual, mas que reflete o mundo em que elas vivem suas

² Texto alterado pela lei nº 13.415/2017.



experiências pessoais e também coletivas, sejam elas em casa ou nos grupos sociais os quais interagem. Para Brasil (1998, p. 91) o ponto de partida para o desenvolvimento estético e artístico é o ato simbólico que permite reconhecer que os objetos persistem, independente da sua presença física e imediata. Com isso, as crianças percebem os símbolos como uma representação do mundo consigo mesmo e com as outras pessoas através da imaginação e da cultura.

O processo de aprendizagem sobre Arte na EI é, desta forma, carregado de singularidade, no qual são explorados os potenciais de cada criança, mostrando que é possível desenvolver a cognição e sensibilidade desde a primeira infância. A consequência imediata desse trabalho é observada nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista que, nesse nível de ensino, a Arte deve ser trabalhada de modo que as crianças atinjam algumas competências, tais como: a capacidade de compreender as linguagens da Arte, conhecer e analisar criticamente as produções artísticas e culturais, experienciar a ludicidade, desenvolver o trabalho coletivo nas artes, analisar e valorizar o patrimônio artístico a partir de várias visões de mundo, entre outras (BRASIL, 2016). Entre essas várias visões de mundo, destacamos a percepção do surdo expressa nas pinturas em tela da artista Nancy Rourke em diferentes momentos da sua produção, contudo, para efeito dessa investigação, utilizamos o período entre 2010 e 2012 que compreende o início da fase de comercialização das suas pinturas.

O professor neste cenário é visto como um mediador que oportuniza aos estudantes vivenciar etapas de construção do conhecimento através da percepção, sensibilidade e convivência em grupo, e isso favorece a ampliação das competências relacionadas à alfabetização, ao letramento e à apreciação estética, porque a componente Arte contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto as linguagens verbais e não verbais, como para incentivar o apreço pelas expressões e fazeres da Arte, conforme discutimos a seguir.



3 ARTE SURDA: DISCUSSÃO SOBRE A PESSOA SURDA MEDIADA PELAS TELAS DE NANCY ROURKE

A cultura visual é uma área interdisciplinar que compõe as investigações do campo dos Estudos Culturais. Esses visam compreender as relações entre as expressões visuais presentes no cotidiano e as experiências visuais emergentes dessas relações (MIRZOEFF, 2003 citado por SANTOS-NETO; JESUS; GOMES, 2017). Para o autor, a Arte Visual, juntamente com os vídeos, fotografias, imagens entre outros são elementos que compõem a Cultura Visual que, por sua vez, pelo seu caráter interdisciplinar, estabelece interfaces com a cultura surda.

Nesse sentido, segundo Santos-Neto, Jesus e Gomes (2017), nos Estudos Culturais pós-modernos, as discussões se voltam para superar a perspectiva de hierarquização de culturas, à medida que dá visibilidade às manifestações culturais de grupos minoritários, como os surdos.

Sobre essa afirmativa, Strobel (2008, p. 66) define que a Arte Surda é expressa em desenhos, pinturas, esculturas e outros que sintetizam “suas emoções, suas histórias, suas subjetividades e sua cultura”. Ao passo que, no âmbito estético, essas obras representam beleza, equilíbrio e harmonia, no simbólico estão carregadas de cenas de opressão vivenciadas na relação com o mundo ouvinte e de formas de ser surdo neste contexto.

Diante da afirmação da autora, entendemos que a Arte Surda favorece a internalização desses conceitos pelos surdos e pelos ouvintes à medida que desvela a forma que o artista imprime nas suas telas a percepção sobre essas relações. Nesse sentido, Souza (2014, p. 2) afirma que:

A arte visual surda contribui para o desenvolvimento da consciência crítica, transmite conhecimento, denuncia uma insatisfação e



reafirma um posicionamento político. É através da arte que o homem se redescobre e recria novas possibilidades de ser e estar no mundo.

Em face do exposto, na sequência apresentamos a artista elencada para mediar as discussões ora apresentadas, a Nancy Rourke, além de três temáticas que podem ser abordadas pelas oito pinturas que foram selecionadas para compor essa investigação.

3.1 NANCY ROURKE E O TRABALHO COM ARTE NA ESCOLA INCLUSIVA

Entre os artistas surdos, destacamos o trabalho da artista plástica Nancy Rourke, americana, que começou a pintar com 6 anos de idade. Estudando a biografia da artista, no *site* <https://www.nancyrourke.com/biography.htm> observamos que a precoce iniciação no mundo da arte pode servir como modelo e estímulo para os estudantes (surdos e/ou ouvintes) compreenderem que a arte se configura como uma atividade que pode ser desenvolvida em qualquer idade.

Mestre em *design* gráfico, a artista traz no currículo, empregadores como *20th Century Fox*, onde criou paletas de cores para clássicos originalmente produzidos em preto e branco, como também na *Microsoft Corporation*, onde criou ícones de navegação. Em 2010 aderiu ao movimento De'VIA (*Deaf View / Image Art*) dedicando-se a expressar, nas suas obras, afirmação da identidade surda enquanto resistência e libertação.

Ainda no *site* oficial da artista encontramos mais de 600 pinturas com destaque às cores primárias, classificadas por ano de produção e com indicação das peças à venda, variando pela superfície a ser estampada: quadros, canecas, gravatas, calendários, camisas, interruptores, abajures, ímãs, cadernetas entre outros. Diante dessa informação, compreendemos que a própria forma de comercialização das pinturas possibilita uma aproximação da imagem às vivências



cotidianas das crianças e indicam espaços para releitura ou mesmo criação de novas obras por esses estudantes.

Entre as obras, selecionamos oito que podem gerar discussões salutares sobre a pessoa surda, contribuindo para desenvolver a identidade surda positiva e a valorização da diferença na escola.

3.1.1 Obras que estimulam discussões sobre a percepção da identidade surda

Os surdos são definidos pelo Decreto nº 5.626, no art. 2º, como “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras” (BRASIL, 2005). Logo, diante do exposto, a pessoa ouvinte é aquela que não apresenta perda auditiva.

Em virtude dessa particularidade biológica, a interação com o mundo por meio dos sons não ocorre para os surdos e ouvintes da mesma forma. O surdo percebe apenas as vibrações realizadas por sons muito altos (dependendo do grau da perda), auxiliados ou não pelo uso de Aparelhos de Amplificação Sonora Individual (AASI), bem como de diferentes recursos tecnológicos que transformam sons em imagens e cores. Assim, a experiência com essa linguagem não verbal ocorre de maneira diferenciada para os dois grupos. Diante disso, o uso da Arte Visual deve ser incentivado, visto que é uma forma de expressão compartilhada por ambos e configura-se como uma forma de representação da cultura surda que precisa ser reconhecida e divulgada por diferentes espaços sociais, entre eles, a escola.

Holcomb (2013, p. 139) diz que “a cultura oferece aos membros da comunidade acesso a soluções criadas historicamente para um modo eficiente de vida”. Segundo o autor, essa cultura é fruto de diferentes experiências vivenciadas



pelos surdos, tais como serem filhos de ouvintes, adquirirem a Libras tardiamente e a dificuldade no acesso às informações. Nesse sentido, para Strobel (2008), a arte surda e os demais artefatos culturais asseguram a sobrevivência e afirmam as suas identidades enquanto surdos. Para a autora:

[...] não se trata somente de reconhecerem a diferença cultural do povo surdo, e sim, além disso, de perceberem a cultura surda através do reconhecimento das suas diferentes identidades, suas histórias, suas subjetividades, suas línguas, valorização de suas formas de viver e se relacionar (STROBEL, 2008, p. 11).

Na obra *Imagens do outro sobre a cultura surda*, a investigadora cita oito artefatos culturais utilizados pelos surdos, os quais consideram os mais importantes, são eles: 1) Experiência Visual, representada na percepção do mundo pela visão em substituição à audição; 2) Linguístico, o qual é expresso por diferentes sistemas linguísticos sinalizados como a Libras, os Sinais Caseiros (que são sinais emergentes em geral em situações familiares), as representações escritas das Línguas de Sinais entre outros; 3) Organização familiar, manifestada pela relação com pais ouvintes ou surdos, sinalizantes ou não; 4) Literatura Surda; 5) Vida social e esportiva; 6) Artes Visuais (foco deste trabalho); 7) Política, representada pelas mobilizações em prol de melhorias para os surdos; e 8) Materiais, como a relação com as tecnologias que favorecem a interação e o acesso à informação pelos surdos. Dentre estes artefatos, nos ateremos ao sexto, às artes visuais (STROBEL, 2008).

Conhecendo essas manifestações, faz-se necessário compreender como elas podem contribuir para a construção da identidade surda e desconstruir estereótipos acerca da surdez. Woodward (2014) diz que a identidade é relacional, isso porque é marcada a partir da diferença entre o eu e o outro, neste caso, entre o surdo e o ouvinte. A estudiosa diz ainda que esta identidade é construída coletivamente e



marcada por símbolos que unificam determinados grupos sociais e que dão sentido às práticas e às relações sociais. Desse modo, os artefatos citados podem contribuir para constituir a identidade surda.

Perlin (2013) assume o conceito apresentado pela autora e afirma que pensar em identidade surda no âmbito dos Estudos Culturais implica em abandonar a perspectiva que o surdo correspondia a um corpo danificado para compreendê-lo, a partir da representação da alteridade cultural. A investigadora assegura ainda que as identidades surdas são múltiplas e isso decorre da relação desse indivíduo com a língua (Portuguesa ou Libras), bem como das relações sociais as quais está inserido.

A autora apresenta cinco identidades surdas: 1) híbridas, presente em ensurdecidos que apreendem o mundo de modo visual, mas, mesmo sendo usuários da Libras, precisam do português para ressignificar as mensagens; 2) Transição, característica de filhos de pais ouvintes que estão em período passagem da cultura oral para a cultura surda; 3) Incompleta, observada em surdos que desconhecem a identidade surda, em geral, por terem sido privados do contato com os seus pares; 4) Flutuante, são surdos que optaram por seguir a representação do ouvinte; 5) Identidade Surda, que são aquelas pessoas que vivem a experiência visual, se aceitam e valorizam a sua representação (PERLIN, 2013).

Nesse sentido, Strobel (2008, p. 66) diz que “o artista surdo cria a arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de ‘olhar’ e interpretar a cultura surda”. Diante disso, vemos que o contato com a cultura é constituidor das identidades, ou seja, das representações de si, do mundo e das marcas sociais que constituem o ser surdo.

Nas coleções anuais, várias pinturas mostram pessoas sinalizando, no entanto, pela proximidade da idade entre o indivíduo retratado e o leitor, destacamos

as pinturas da coleção 2010 que retratam bebês utilizando a Língua de Sinais, como “Deaf babies deserve the right to sign” e “Irony”.

Figura 01 - Deaf babies deserve the right to sign



Fonte: Rourke (2010)

Figura 02 – Irony



Fonte: Rourke (2010)

As obras (figuras 1 e 2), compostas por cores primárias despertam o interesse das crianças, valorizam a expressão por sinais e podem motivar diferentes releituras. Por meio delas, a classe pode ser estimulada a externalizar suas impressões e criar representações positivas acerca da surdez que precisam serem socializadas na escola para, com isso, estimular o debate sobre a temática junto a comunidade escolar que terá acesso às obras dos alunos.

Tratam-se expressões pautadas na visualidade. Na pintura em tela representada na figura 1, há a presença de duas línguas a Libras (nas representações que se assemelham a balões de fala que não é atribuída ao personagem retratado) e a Língua de Sinais (no posicionamento das mãos).

Nessas telas, a associação das línguas refletem que através da Língua de Sinais e da língua oral é possível transmitir a mesma informação à medida que entendemos que a mensagem sinalizada encontra-se traduzida no que optamos por chamar de balão de tradução.

A obra “Irony” (figura 2) é produzida pela composição de marcas de identidade surda que se contrastam: na parte superior observamos uma criança sinalizando, o que pode nos remeter à Identidade Surda Política, na qual há a valorização da língua de sinais em oposição à parte inferior na qual notamos a



marca do implante coclear, um dispositivo que permite a inteligibilidade dos sons por alguns surdos, e o uso dos sinais para o aprendizado da fala: como, por exemplo, a percepção da vibração produzida pelas cordas vocais durante a fala; a percepção da corrente de ar emitida durante a vocalização e o uso de pistas visuais para o ensino da articulação da linguagem oral.

Através dessas obras, é possível discutir as particularidades da surdez, valorizar a Língua de Sinais e refletir sobre o uso de ambas as línguas em diferentes situações. Ao ver retratado o implante coclear, a criança surda que o utiliza tende a se sentir representada e o trabalho docente pode se direcionar para esclarecer as dúvidas dos alunos sobre a função desse dispositivo. Assim, trabalhar abertamente essas questões, desde a infância, favorece a aproximação entre surdos e ouvintes, desenvolvendo valores de respeito à diferença.

3.1.2 Obras sobre interações linguísticas entre crianças

As crianças surdas não vivem em um mundo composto apenas por surdos, logo, a interação com os ouvintes torna-se inevitável. Para aquelas que se comunicam, predominantemente pela Língua de Sinais, a diferença linguística se torna uma barreira nessa relação, mas que pode ser minimizada com o uso do lúdico, seja na arte ou na brincadeira por exemplo, ou mesmo em outros momentos de socialização que podem ocorrer em espaços de instrução formal ou informal.

No que diz respeito a isso, selecionamos três obras, da coleção de 2011, nas quais a pintora retrata momentos de interação tais como, brincadeira, leitura compartilhada e busca por interação linguística, respectivamente, como observamos nas obras “Tia and Joe” (figura 3), “Literacy and ASL” (figura 4) e “Language Equality” (figura 5) respectivamente.

Figura 3 -Tia and Joel

Figura 4 -Literacy and ASL

Figura 5 -Language Equality



Fonte: Rourke (2011)



Fonte: Rourke (2011)



Fonte: Rourke (2011)

Conforme destacamos anteriormente, as pinturas são atrativas para as crianças, seja na escolha da paleta de cores, ou mesmo na forma de representação. Vemos que a primeira pintura (figura 3) mostra uma interação que se utiliza apenas da expressão corporal, sem se remeter ao uso de determinada língua. Ao observar a obra, não podemos afirmar que se tratam de surdos ou ouvintes, mas apenas de duas crianças brincando. Na segunda pintura (figura 4) a Língua de Sinais apresenta-se em primeiro plano, denotando uma valorização do sistema linguístico utilizado pelo surdo. Notamos que, além de retratar a língua de sinais, a obra denota a representação de uma pessoa surda e negra, ampliando as representações do âmbito da diversidade.

Já na figura 5, a tela denominada “Language Equality” representa a intersecção e a vivência nos dois mundos: à direita são representadas as letras do alfabeto em Língua de Sinais remetendo à sigla ASL, que em português significa Língua de Sinais Americana e, à esquerda a representação escrita da língua oral que traduzimos para Inglês. Nessa pintura, ambas as crianças encontram-se protegidas por duas mãos e ao seu lado, há vocábulos representativos das línguas denotam a cultura a qual internalizaram e expressaram. O posicionamento dessas representações linguísticas lado a lado indica que é possível viver e interagir mesmo com essa diferença.

3.1.3 Obras sobre interações linguísticas entre crianças e adultos

No que se trata à representação de interlocutores adultos usuários de Línguas de Sinais, ressaltamos as pinturas “Same” e “Gallaudet & Cogswell”, da coleção 2011; “Celebrate three hundred”, de 2012; que representam adultos interagindo com crianças por meio da Língua de Sinais em comunicações livres (figuras 6 e 7) ou em momentos escolares (figura 8).

Figura 6 – Same



Fonte: Rourke (2011)

Figura 7 -Gallaudet & Cogswell



Fonte: Rourke (2011)

Figura 8 -Celebrate three hundred



Fonte: Rourke (2012)

Todas as interações são pautadas no uso da Língua de Sinais, contudo, enquanto a primeira (figura 6) pode representar uma situação comunicativa informal, as figuras 7 e 8 mostram telas que denotam situações de ensino formal. Conhecendo a história do surdo, identificamos o título da imagem e a representação do personagem da tela mostrada na figura 7, Thomas Gallaudet, professor ouvinte que criou a primeira escola estadunidense para surdos que priorizou o uso da Língua de Sinais. Na figura 8, a imagem assemelha-se à releitura de uma das pinturas do primeiro educador que utilizou a Língua de Sinais como língua de instrução: o Abade L'Epée³.

³ As obras que originaram a releitura citada podem ser localizadas em: <http://sospedagogia-andrea.blogspot.com/2010/08/abade-monge-charles-michel-de-lepee.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.;

e em: <http://sospedagogia-andrea.blogspot.com/2010/08/abade-monge-charles-michel-de-lepee.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.



Essas obras mostram que é possível e indicado que os alunos tenham acesso a Libras para expressão e compreensão do conhecimento. Na obra retratada na figura 7, em especial, vemos que no material que é segurado pela criança, há a escrita do alfabeto enquanto ela interage com o adulto por meio da Língua de Sinais. Essa pintura reforça a necessidade do aprendizado de ambas as línguas, colocando a Libras em primeiro plano, como a língua por excelência para o aprendizado do surdo.

No acervo de imagens das obras de Rourke, disponível gratuitamente na *internet*, há uma variedade de situações envolvendo surdos que podem ser trabalhadas não só na classe de educação infantil, como também mediar ações que envolvam os responsáveis por essas crianças e os funcionários que interagem com elas hodiernamente. Essas ações contribuem para minimizar as barreiras atitudinais, valorizar a diversidade humana e construir práticas de alteridade na escola, de modo a colaborar na construção de identidades positivas tanto nos surdos quanto nos ouvintes.

Para demonstrar que é possível utilizar a arte surda como mediadora de discussões sobre a Língua de Sinais e a surdez, apresentamos alguns conceitos e experiências relatados na literatura que demonstram a importância do uso da Arte Surda.

3.2 ARTE SURDA NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS

Bataglin (2012) afirma que os surdos atribuem grande importância à manifestação artística pautada na visualidade enquanto elemento que os auxilia no processo de ressignificação do mundo e valorização da cultura surda. Logo, utilizar a arte surda para discutir a relação entre as experiências visuais e as representações identitárias dos surdos (conforme descrevemos anteriormente) compreende um



movimento de acolhimento à forma de expressão e de percepção do mundo destes estudantes.

Contudo, a inserção da Arte para abordar essa temática precisa ser planejada, intencional e realizada por profissionais com formação adequada para mediar essa atividade. Batista e Nicodem (2016) relatam que “aula de arte é um espaço privilegiado e que oferece, por meio da sensibilização, ricas oportunidades para a produção de sentido” (BATISTA; NICODEM, 2016, p. 607). Esse estudo se baseia na percepção de 5 professoras que ministram essa disciplina em classes inclusivas com surdos e, como constatações afirmam que, para isso, faz-se necessária a apresentação da temática em momentos de formação continuada para que os professores possam abordar esse conhecimento adequadamente, bem como é imprescindível a mediação do intérprete da Libras para favorecer a interação entre surdos e ouvintes.

No que se refere à produção artística que reflete as inquietações e as formas de ser surdo em um mundo predominantemente formado por ouvintes, Santos-Neto, Jesus e Gomes (2017) apresentam uma experiência com desenhos de crianças surdas, produzidos em alusão à comemoração do Dia Nacional do surdo (26 de setembro). Nesse trabalho, são analisadas as produções de três estudantes surdos que, pelas características apresentadas pelos investigadores, aproximam-se mais da Identidade Surda, isso porque, entre as obras relacionadas nesta pesquisa, a primeira mostra parcialmente um rosto exibindo o sinal em Libras que corresponde à palavra ver/visual/visualidade e trata da valorização da experiência visual.

A segunda é composta por duas partes: uma apresenta bocas aproximadamente do mesmo tamanho (remetendo à comunicação oral) e a outra é repleta de mãos, sendo que um par delas está em destaque (em tamanho maior) tendo, nos pulsos, algemas quebradas. Esse registro nos remete à metáfora que é frequentemente associada aos cartazes e às falas de surdos participantes de



movimentos de valorização da cultura surda que comemoram, em abril de cada ano, o reconhecimento da Libras como uma língua utilizada pelos surdos brasileiros. Esse registro remete à oposição da língua oral à libertação experienciada com o uso da Libras.

O terceiro é composto por uma mulher que personifica o sol; as gotas de chuva são compostas pelo desenho da forma da mão que significa o sinal / *love you* (traduzido para o português como: eu te amo); e a caracterização do ciclo de desenvolvimento de uma flor desde a germinação ao desabrochar da rosa.

Essa pesquisa demonstra como as pessoas surdas podem expressar as suas impressões sobre o mundo de modo artístico. Apesar de a experiência retratar a prática pedagógica em uma escola de filosofia bilíngue para surdos⁴, acreditamos que a proposta pode ser realizada em classes inclusivas, servindo como base de discussão para as representações do surdo, da surdez e da relação do aluno ouvinte com estas formas de ser, viver e agir no mundo.

Como sequência didática para o trabalho com arte, apresentamos a experiência de Cruz (2016), que na sua dissertação abordou duas propostas de ensino de arte: uma através da imagem e outra através do ritmo e, para efeito desta investigação, nos deteremos na primeira.

A pesquisadora buscou trabalhar a subjetividade do aluno através das indicações de Ana Mae Barbosa, que apresenta o trabalho com arte pautado na leitura da imagem, compreensão do contexto, sendo estas etapas influenciadoras da representação e a própria produção das pinturas em tela. Nesta pesquisa, a Cruz (2016) aponta ainda os pressupostos de Maria Helena Wagner Rossi (2011), que trabalha a relação imagem-mundo, considerando a percepção do artista e do leitor sobre a obra, sendo essas leituras fruto de percepções individuais do mundo, utilizando-se, para isso, de imagens de super-heróis.

⁴Escola Especial.



Para a autora, o trabalho foi produtivo ao passo que foi trabalhada a interpretação da obra, a comparação com outros heróis conhecidos pelos estudantes, o registro escrito das habilidades dos heróis, uma esquete (uma cena teatral rápida) com texto produzido coletivamente pelos alunos, comparação entre as características dos heróis conhecidas por eles e as obras apresentadas, criação de um herói novo a partir da mescla entre a fotografia de um rosto (extraído de uma revista), complementado pelo desenho feito pela dupla ou trio de estudantes e, por fim, o desenho livre, sem temática pré-estabelecida.

As quatro experiências relatadas versam sobre o ensino de arte para surdos, mas ainda sem divulgar a arte produzida por artistas surdos como elemento que enseje a discussão sobre a diferença em sala de aula. Contudo, consideramos que essas propostas podem ser abordadas de maneira a inserir as pinturas em tela de Nancy Rourke como inspiração ou mesmo como atividade de encerramento, para suscitar novas discussões.

Santos (2017), no seu Trabalho de Conclusão de Curso, elenca entrevistas com professores para compreender a abordagem utilizada no ensino de arte. Nesse trabalho, a investigadora faz referência ainda a um projeto desenvolvido por ela no qual apresentou obras de artistas ouvintes e releituras dessas obras criadas por surdos. A tela denominada *O Grito*, produzido por Edvard Munch em 1893, que inspirou Arnaud Balard, em 2009, a produzir uma releitura denominada *Cri Sourd*⁵, foi utilizada para estimular os familiares de surdos a expressarem as percepções sobre os filhos surdos. A pesquisadora destacou dois desenhos apresentados nas figuras 9 e 10.

⁵ *Cri Sourd*. Disponível em: <<https://culturasurda.net/2012/11/01/arnaud-balard/>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

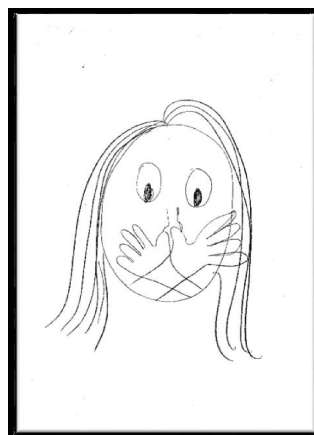


Figura 9 – Representação da mãe 1



Fonte: Santos (2017)

Figura 10 – Representação da mãe 2



Fonte: Santos (2017)

A investigadora interpreta as imagens criadas mediante essa atividade como: a Mãe 1 representa uma criança que não escuta, tem muitas ideias e amor no coração. Já a Mãe 2, observa os olhos abertos e a boca coberta pela mão. Diante da discussão empreendida nesta investigação, ressaltamos que essas obras são expressões de impressões que as mães desenvolvem no convívio com os seus filhos surdos, sendo essas reveladas através das representações selecionadas para compor a mensagem. Por se tratar de um recurso semiótico que envolve representações, os elementos que compõem a produção e as interpretações do outro sobre a imagem constituem-se momentos singulares para a discussão sobre as características da pessoa surda, contribuindo assim, como instrumento singular para externalizar e motivar discussões que visem desfazer mitos e estereótipos relacionados a esse grupo.

Vemos assim que o trabalho com Arte Surda já apresenta estudo no Brasil e que pode ser abordado em diferentes idades e para a comunidade escolar. Nas pesquisas selecionadas abordamos alunos e pais, mas acreditamos que esse trabalho pode se estender aos representantes de outros segmentos da comunidade



escolar (pais, educadores, sendo esses os professores e os funcionários, e comunidade que circunda a escola), a fim de que compreendam a importância da arte surda e ofereçam experiências baseadas em diferentes artistas, entre eles a Nancy Rourke.

Outrossim, Silva e Moreira (2012, p. 1) ressaltam que a Arte Surda é uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento da cidadania surda, isso porque, através dela, o estudante “é desafiado a criar e a expressar seu imaginário exercendo uma linguagem artística que facilitará a divulgação de sua história, suas crenças e trabalhando também a interpretação dos acontecimentos do cotidiano”. Em classes inclusivas com surdos, o uso da arte possibilita que essa percepção do mundo ocorra de maneira dialógica tendo em vista que, à medida que o surdo se compreende enquanto surdo em um mundo ouvinte, os ouvintes podem desenvolver estratégias de interagir com este outro que passa a se revelar como minoria linguística e cultural nas interações com o grupo e com a arte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte utiliza-se de linguagens que podem expressar diferentes percepções de mundo, bem como contribuir para despertar novas formas de interação social. Nesse sentido, o uso de arte surda não deve se restringir às escolas ou classes especiais, ao contrário, precisam ser divulgadas entre os ouvintes para que estimulem a reflexão sobre a identidade, alteridade e a diferença presentes nos espaços educacionais.

As telas de Rourke revelam suas impressões de mundo que podem ser compartilhadas pelos surdos, seja por meio de discussão ou na produção de releituras de obras. Utilizando-se dessa estratégia, é possível contribuir para constituir a identidade surda e também para mediar discussões sobre a cultura surda



entre os alunos. Com representações em cores alegres, as obras chamam a atenção das crianças, iniciando o processo de apreciação estética e contribuindo para a formação humana a partir da discussão sobre o que está retratado nas pinturas, minimizando, assim, as barreiras linguísticas e atitudinais relacionadas à pessoa surda.

Contudo, o trabalho com a arte não deve se restringir a olhar a pintura em tela, mas a desvelar os significados que transitam entre a enunciação do autor e os conhecimentos prévios do apreciador. Esse processo de internalização de significados, enquanto parte da formação humana para o convívio em sociedade, deve ser estimulada desde a infância, pois, cotidianamente, construímos e reconstruímos com as experiências que vivenciamos. Nesses movimentos, são internalizados o respeito à diversidade humana, a reflexão sobre si e sobre o outro, em uma perspectiva de alteridade.

Diante do exposto, observamos que, por meio da arte, são retratadas diferentes situações cotidianas, angústias e estratégias de superação desenvolvidas pelos artistas que podem contribuir para a minimização de preconceitos, para a constituição da autoestima positiva das crianças surdas e, conseqüentemente, de identidades surdas que valorizam a sua cultura.

Assim, esta prática precisa ser ofertada desde educação infantil, conforme vimos nas orientações legais CF (1988), LDB (1996), RCNEI (1998), DCNEI (1999/2009) e BNCC (2016/2017) e nas experiências de diferentes autores que contribuíram para as discussões aqui apresentadas. Desse modo, consideramos que as conquistas na área da arte para e com a criança no contexto da educação infantil, estão em processo de construção, ao desenvolvimento de políticas públicas e aos avanços que a contemporaneidade permite.

Para isso, faz-se necessário o reconhecimento da relevância desse trabalho, o conhecimento das obras da pintora Nancy Rourke ou de outros artistas surdos e a



formação do docente para o planejamento e a execução dessas atividades, considerando as particularidades referentes aos grupos nos quais serão trabalhados esses temas e obras que despertem o interesse das crianças, ampliem sua coleção e contribuam para a construção de uma escola e, conseqüentemente, de uma sociedade mais aberta e preparada para a vivência na perspectiva da diversidade humana.

Concluimos que, a arte surda pode ser produtiva não só para o aluno da EI, como também de outras idades. Contribui ainda para a reflexão e produção artística de outros grupos da comunidade escolar a exemplo dos pais que, por meio de pinturas em tela, podem expressar sentimentos e percepções de mundo sobre o surdo e a surdez.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BATAGLIN, M. **Experiência visual e arte: elementos constituidores de subjetividades surdas**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. 2012. Caxias do Sul. **Anais...Caxias do Sul: UCS, 2012.** Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/919/757>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BATISTA, F. M. R. C.; NICODEM, M. F. M. Inclusão do aluno surdo no ensino de arte. **Journal of Research in Special Educational Needs**. vol. 16, n.1, 2016. p. 603–607. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1471-3802.12192?scrollTo=references>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução CEB nº 1, de 7 de abril de 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2321-rceb001-99&category_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 03 fev. 2020.



BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em: 03 fev. 2020.

BRASIL. **Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional** nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/96150/decreto-5626-05>. Acesso em: 04 mar. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 12 abr. 2019.

CRUZ, A. N. R. da. **Aula de arte com surdos**: criando uma prática de ensino. 2016. Dissertação. Mestrado Profissional em Artes. Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista, São Paulo. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/143081/cruz_anr_me_ia.pdf?sequence=3. Acesso em: 17 mar. 2019.

FEIST, H. **Pequena viagem pelo mundo da arte**. São Paulo: Moderna, 1996.

FERREIRA, A. **Arte, escola e inclusão**: atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos. Petrópolis: Vozes, 2010.

GABRE, Solange de Fátima. **A arte na educação infantil**: uma reflexão a partir dos documentos oficiais RCNEI - DCNEI - BNCC. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/linguagens/article/view/5980/3411>. Acesso em: 27 jan. 2020.

HOLCOMB, T. K. Compartilhamento de Informações: um valor cultural universal dos surdos. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. (Orgs.) **Cultura Surda na Contemporaneidade**: negociações, intercorrências, provocações. Canoas: Ed. Da ULBRA, 2013.

MACHADO, M. L. A. (Org.) **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002.



MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Summus, 2015.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. Ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

ROJO, R. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, C. do S. C. dos. **O ensino de arte para alunos surdos**: uma pesquisa sobre metodologia. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura em Artes Visuais. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

SANTOS-NETO, D. N. dos S.; JESUS, L. P. de.; GOMES, A. R. Arte surda: interfaces entre cultura surda e cultura visual. **Revista Virtual de Cultura Surda**. ed. 21. 2017. p. 1 – 36. Disponível em: <http://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/1%C2%BA%20Artigo%20e%20Santos%20Neto%20%26%20Pereira%20de%20Jesus%20%20%26%20Gomes.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2019.

SILVA, J. R. da; MOREIRA, C. J. de M. Cultura e arte surda: incluir e educar alunos surdos para a cidadania. In: REUNIÃO REGIONAL DA SBPC. 2012. Oriximiná. **Anais...** Oriximiná: SBPC, 2012. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/oriximina/resumos/121.htm>. Acesso em: 05 mar. 2019.

SOUZA, M. D. Artistas Surdos: um resgate de sua identidade e cultura através da arte. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO: Práticas Pedagógicas, Direitos Humanos e Interculturalidade. 2014. **Anais...** Campina Grande: Ed. Realize, 2012. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_4datahora_29_10_2014_1_1_48_08_idinscrito_1890_a986861c377705159ff4642a723e1e62.pdf. Acesso em: 05 mar. 2019.

STROBEL, K. L. **Imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T da. (Org.) **Identidade e diferença**. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.